

## SUMÁRIA ABORDAGEM HISTÓRICA

Fontes de consulta: “Igrejas da Bahia”, de Marieta Alves; “Bahia – Signos da Fé”, de Socorro Targino Martinez”; “A Escola Baiana de Pintura”, de Carlos Ott; “Nordeste Histórico Monumento”, de Clarival do Prado Valadares”, Vol. IV; e “IPAC – Inventário do Patrimônio Artístico e Cultural”, Vol. 1.

Freguesia de Nossa Senhora do Desterro foi o nome inicial da atual Paróquia do S.S. Sacramento e Sant’Ana. Sua criação ocorreu no Convento das Clarissas , durante o arcebispado de D. Gaspar Barata de Mendonça. A decisão de construir uma igreja própria foi tomada em memorável sessão realizada em 27 de setembro de 1744, presidida pelo juiz João Dias da Costa. A licença para a construção da nova matriz foi solicitada ao arcebispo D. José Botelho de Mattos e, no mesmo período, encaminhou-se requerimento a S. Majestade, pedindo ajuda de custo para a capela-mor da Igreja em projeto. O local julgado mais conveniente foi a rua do Tingui, por ficar no meio da Freguesia, muito cômoda para os moradores da Saúde e da Palma.



Vista do interior da igreja, quando ainda em funcionamento, antes da restauração arquitetônica

O pedido feito ao arcebispo foi negado, sob alegação de que era necessária a expressa concessão de S. Majestade, o rei de Portugal. O pedido foi feito ao rei D. João V, aproveitando-se a nau da Índia e da guerra, prestes a partir para Portugal. Junto com o pedido de licença para construção, seguiu o pedido de ajuda de custo. D. João V despachou favoravelmente, inclusive o pedido da mudança do S.S. Sacramento para alguma das Capelas da Freguesia.

A Igreja do Santíssimo Sacramento de Santana foi construída sobre uma elevação, “quase se precipitando sobre o vale do antigo Dique dos Holandeses”, invadindo parte das hortas do Convento de S.Francisco, cujo quintal dava para a antiga rua da Vala, hoje conhecida como Baixa dos Sapateiros. “A matriz de

Santana não perde de vista o seu vizinho de porta, o Convento do Desterro, que quase impediu que a matriz se estabelecesse”.

A Igreja foi construída sobre uma área próxima à rua do Tingui, doada pelo Pe. Luiz Gonzaga Hermoso e de três casas adquiridas posteriormente, a fim de ampliar o terreno então doado. As obras foram iniciadas em 1747, sob a administração do mestre pedreiro Felipe de Oliveira Mendes, “arruador da Câmara, irmão da ordem e morador à Rua do Gravatá”. Por esse tempo, as obras reclamavam pedras de cantaria, o que levou a Mesa a recorrer ao mesmo prestimoso irmão, dele obtendo o preço por quanto as prepararia, preço que, submetido ao critério de alguns mestres da cidade, foi julgado conveniente. Toda a parte de cantaria foi então confiada ao mestre Felipe de Oliveira Mendes. Tudo indica que a construção avançou rapidamente, pois cinco anos após, em 2 de fevereiro de 1752, cogitou-se da feitura do altar-mor, trabalho confiado ao entalhador Francisco Gomes Correia, membro da Irmandade. Dos vários riscos apresentados pelo entalhador, escolheu-se um, que recebeu as assinaturas dos mesários. O entalhador ajustou a obra por 800\$000, que a mesa cogitava pagar com a ajuda de custo pedida ao rei. Falhando esse auxílio, o artista receberia 100\$000 anuais até a complementação do pagamento. Felizmente o rei atendeu ao pedido, despachando 12 mil cruzados, que foram recebidos em 1754.

Em 11 de maio de 1752, a mesa volta a reunir-se, desta feita para deliberar sobre a trasladação do S.S. Sacramento da Igreja da Saúde, então servindo de Paróquia, para a nova Matriz. A solenidade foi marcada para o dia 8 de setembro, data da complementação de 2 anos da assinatura da escritura, pela qual a Irmandade se obrigou a deixar aquela igreja. “Nessa mesma reunião decidiu-se mandar confeccionar a imagem de Santana e tudo mais que fosse possível para o seu ornato – coroa, resplendor e acessórios – com a recomendação de confiar-se sua execução a oficiais capazes do melhor desempenho”.

Em 20 de agosto de 1752, por determinação do arcebispo D. José Botelho de Mattos, o Revdo. Provedor Chantre da Santa Sé, Manoel Fernandes da Costa, visitou a nova Igreja para verificar suas condições, a fim de proceder à bênção pedida àquele Prelado pela Mesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento e Sant’Ana”. Em seguida, benzeu-se o majestoso templo e foi demarcado o local para o adro. A documentação examinada pela historiadora Marieta Alves não faz referência à trasladação do S.S.Sacramento, marcada para o dia 8 de setembro do mesmo ano.

Marieta Alves estranhou porque “não há explicação no Arquivo da Irmandade” da decisão tomada pela Mesa, em 15 de dezembro de 1754, de ajustar com Felipe de Oliveira Mendes a obra do frontispício da Igreja, inaugurada em 8 de setembro de 1752. É ainda Marieta quem informa que “o notável mestre de obras apresentou o risco, feito em papel imperial, pelo qual se obrigou a dar o trabalho pronto no prazo de 3 anos, pagando-lhe a Irmandade 10 mil cruzados. Esclarece ainda o contrato que a mudança dos cunhais, já assentados, se faria por conta da Irmandade, assim como o assento da alvenaria. Isso nos leva a crer que a fachada primitiva não correspondia às aspirações de suntuosidade acariciada pelos novos dirigentes da Irmandade e exigida, talvez, pelas proporções da grandiosa construção”.

Certamente a obra não foi concluída no prazo, já que em 1760, os mestres pedreiros Henrique da Silva e Eugênio da Mota, prestaram juramento solene para procederem à vistoria da fachada, atestando, após minucioso exame,

que a mesma estava perfeita, necessitando apenas “*de alguns recortes nos fechos das portas e janellas q. era preciso se remediasse para podem assentar os caixilhos das portas sem impedim.to algú*’.

No alvorecer do século XIX, é provável que a Irmandade do S.S. Sacramento e Sant’Ana gozasse de muito prestígio e dinheiro, pois, infelizmente, teve fôlego para empreender uma radical transformação na decoração interna de sua Igreja. Santana. Seguiu, assim, o exemplo da Ordem 3<sup>a</sup> de S. Francisco, Pilar, Passo, Bonfim e várias outras que destruíram inteiramente sua monumental talha barroca, para seguir a moda vigente – o neoclássico -, chegada ao Brasil com a vinda de D. João VI. Devemos às comunidades mais pobres, como a franciscana, a manutenção da decoração barroca dos seus templos, por não terem recursos para empreender grandes reformas. A invasão neoclássica nos impediu de conhecer o retábulo da capela-mor, contemporâneo da inauguração do templo, obra do mestre entalhador Francisco Gomes Correa, assim como a talha dos altares laterais, arco cruzeiro e muitos outros ornatos, executados pelo entalhador José Monteiro Filgueira. É provável que hajam desaparecido junto muitas pinturas e outras obras de arte, feitas por grandes expoentes da arte baiana do séc. XVIII.

A harmoniosa decoração da capela-mor, altares da nave, arco-cruzeiro, tribunas, púlpito, coro, etc., que hoje podemos admirar na Igreja de Santana, não possui, até o momento, autoria conhecida. Marieta Alves afirma ser “fora de dúvida que essa grande obra se executou entre 1810 e 1828. Contemporânea da talha, certamente é a pintura dos painéis da capela-mor e nave, executados pelo pintor Antonio Joaquim Franco Velasco (o mesmo que pintou o forro e outras pinturas da Igreja do Bonfim), sendo a cena do Batismo de Cristo, o último da série, finalizado em 1814.

Inexiste documento que comprove a autoria do forro da nave, muito modificado, principalmente o seu medalhão central, em 1855, por José Rodrigues Nunes, quando a Mesa cogitou da “*renovação da estragada pintura deseio forro, edorespct.º deteriorado douram.tº*”. Pelo trabalho recebeu a quantia de 5,950\$000. O historiador Carlos Ott atribui a sua feitura a Franco Velasco, o que é provável, uma vez que dois medalhões existentes no forro são bem semelhantes a pinturas de sua autoria existentes no acervo do Museu de Arte da Bahia. Acreditamos que, após a restauração que está sendo agora planejada, quando removeremos as repinturas do medalhão, acrescentadas por José Rodrigues Nunes, os historiadores poderão fazer uma melhor avaliação. Tenderíamos a atribuir ao mesmo Franco Velasco, a pintura existente no forro do coro. É da autoria do entalhador Francisco Hermógenes de Figueiredo o tapavento existente logo na entrada do templo.

Nesse mesmo período a Mesa autorizava o prosseguimento das obras das duas sacristias “até sua última perfeição”, somente alcançada em 1828, quando finalmente concluiu-se o douramento da talha, executada pelo mestre entalhador Antônio de Santa Rosa e as oito pinturas dos painéis, com temas bíblicos, algumas com nítida influência de José Joaquim da Rocha, obras estas do pincel do pintor José da Costa Andrade. Traz data de 1820, gravada na pedra, o artístico lavabo da sacristia, encomendado em Lisboa.

“Por volta de 1855, abria-se a ladeira em frente à Igreja, pondo em destaque as linhas harmoniosas de sua fachada, que ostenta bonito trabalho em pedra calcárea, bem ao gosto do estilo rococó, feita de pedra “*proveniente de*

*Itapagipe, dura, de grão grosso e sem mistura de seixos, e reprovada a procedente de Camamu”*, bem ao gosto o rococó.

### **Restaurações realizadas:**

1939 - Obra de reparo do telhado e forro. Restauração da talha sem autorização do IPHAN. Cantarias lavradas do portal e janelas, liberadas das camadas de cal.

1940 - Continuam as obras de restauração das pinturas, indevidamente executadas.

1950 - Pinturas de paredes e tetos da sacristia. Vistoria aponta erros executados na obra, à revelia do IPHAN.

1952 - Asseio interno da igreja. Vistoria observa a descaracterização de alguns elementos.

1958 – É tolerada a construção do Altar do Senhor dos Passos, segundo o IPHAN.

1967 - Obras de estabilização e restaurações parciais da igreja pelo IPHAN

1982 – O IPAC restaura o altar-mor e os medalhões da capela-mor.

2009/2012 – Restauração dos elementos estruturais e arquitetônicos da Igreja, com recursos do BNDES

2013/2014 – Restauração de elementos arquitetônicos adicionais, através do BNDES

A igreja do Santíssimo Sacramento e Sant’Ana foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 25 de setembro de 1941, sob o nº 169 do livro de História, fls. 28 e sob o nº 243-A do livro de Belas Artes, fls.54.